

Apresentação

Baudelaire no Brasil: dos primeiros baudelairianos ao contemporâneo

“Com Baudelaire a poesia francesa sai enfim das fronteiras da nação”, escreve Paul Valéry (2019, p. 626), em “Situação de Baudelaire” (1924). De fato, o impacto da obra do poeta de *As flores do Mal* se faz sentir em diversas literaturas. Em 2011, um grande colóquio, “Baudelaire dans le monde”, realizado em Paris, tratou de reunir estudiosos de diversas partes do planeta com o intuito de oferecer um panorama geral da presença de Baudelaire mundo afora. O mapa traçado nesse encontro compreendeu países e regiões tão diversos quanto Brasil, China, Hungria, Espanha, Itália, Romênia, Irã, Escandinávia, EUA e Alemanha. Alguns dos textos apresentados naquela ocasião foram reunidos por André Guyaux no número 21 da revista *L'année Baudelaire* (2017). Em todos os casos discutidos, destacaram-se a variedade das facetas do próprio Baudelaire e algum tipo de impacto, por menor que seja, sobre o sistema literário do receptor.

Vejamos o caso brasileiro. Baudelaire começa a ser lido na década de 1850 (cf. Abes 2022), antes mesmo da publicação de *Les fleurs du Mal* (1857), e traduzido no início dos anos 1870, pouco tempo após a morte do poeta, que acontece em 1867. A tradução de sua obra poética inicia-se, pelo que se sabe, em 1872, dando início a uma longa série de traduções que se estende até o presente (a poesia e a prosa de Baudelaire por Júlio Castañon Guimarães são, respectivamente, de 2019 e 2023). Já os primeiros impactos visíveis sobre a poesia brasileira datam igualmente daquele momento, marcado pela recusa radical do romantismo e pela adesão a um tipo de realismo “demasiado cru”, que, convenhamos, tem muito pouco a ver com Baudelaire. Ele mesmo tratou o termo realista de “grossière épithète”. Machado de Assis foi o primeiro a reconhecê-lo, como se sabe, num artigo intitulado “A nova geração”, publicado na *Revista Brasileira* em 1879. “Quanto a Baudelaire, escreve Machado, não sei se diga que a

imitação é mais intencional do que feliz. O tom dos imitadores é demasiado cru; e aliás não é outra a tradição de Baudelaire entre nós. Tradição errônea. Satânico, vá; mas realista o autor de *D. Juan aux Enfers* e *Tristesses de la Lune!*” A despeito do caráter “grosseiro” das imitações, é preciso reconhecer, como o faz Antonio Candido, no incontornável ensaio “Os primeiros baudelairianos” (1989), que a exploração da face maldita, satânica, erótico-selvagem do poeta francês representou uma mudança de tom na poesia brasileira, possibilitando uma ruptura tanto estética quanto moral com o romantismo.

Se o primeiro Baudelaire a desembarcar no Brasil foi o rebelde poeta da carniça, do amor-devoração e dos louvores a satã, é preciso reconhecer que outras de suas facetas seriam igualmente exploradas. Para os simbolistas, o poeta das correspondências e dos poemas em prosa; para os modernistas, o poeta da cidade e da mistura de estilos; para a geração de 45, o poeta do soneto, do rigor formal. Baudelaire permanece importante para a poesia das décadas seguintes. Pensemos na experiência urbana de Roberto Piva, no erotismo de Hilda Hilst, nas referências diretas à sua obra em Sebastião Uchoa Leite, Carlito Azevedo, Paulo Henriques Britto, nos poetas que o traduziram recentemente (Ivan Junqueira, Mário Laranjeira e Júlio Castañon Guimarães) e naqueles que recriaram sua poesia (às vezes de maneira radical), incorporando-a, em certa medida, a suas próprias poéticas (Ana Cristina Cesar, Marcos Siscar, Álvaro Faleiros). A partir da segunda metade do século XX, a presença de Baudelaire parece ocorrer menos na epiderme estilística dos textos que nas afinidades temáticas e, principalmente, nos problemas teóricos compartilhados com ele: a questão do leitor e do endereçamento (cf. Simpson 2020), a questão do lirismo, a questão da prosa ou dos limites da poesia e da prosa (cf. Veras 2021), a crise da poesia, a desfiguração da linguagem poética, a antipoesia etc. Não por acaso, é nesse momento que Baudelaire se torna também objeto privilegiado de ensaístas e pesquisadores brasileiros. Estudaram e escreveram sobre ele, com algum grau de sistematicidade, nomes importantes e diversos da Universidade brasileira como Luiz Costa Lima, Antonio Candido, Glória Carneiro do Amaral, Raul Antelo, Marcos Siscar, Viviana Bosi, Marcelo Jacques de Moraes, Marie-Hélène C. Torres, entre vários outros.

Este dossiê reúne um conjunto de contribuições para considerar a recepção brasileira de Baudelaire nos âmbitos poético, tradutório e crítico. Abre com quatro artigos dedicados à primeira recepção de Baudelaire no Brasil. Francine Ricieri, em “Notas sobre alguma recepção poética de Baudelaire, no Brasil, em fins do XIX (Cruz e Sousa, Gonzaga Duque)”, em diálogo com o livro *Aclimatando Baudelaire* de Glória Carneiro do Amaral, para pensar o contato de Cruz e Souza com Baudelaire, e com as leituras de Jean Starobinski e Alain Vaillant da obra do poeta francês, sobretudo em sua figura do *clown* trágico e humor, propõe-nos o que chamou de um “embaralhamento entre os territórios do grotesco, do bufão, do *witz* e da ironia romântica”. Lê, em seguida, os poemas “Acrobata da dor” de Cruz e Souza e “Morte do palhaço” de Gonzaga Duque, observando neles, com o auxílio de Vaillant, a presença do “indecidível” no riso moderno. Ellen Guilhen, em seguida, no artigo “Baudelaire transposto por Eduardo Guimaraens”, parte do estudo das traduções feitas pelo poeta brasileiro de 83 poemas de *As flores do Mal*, de sua atenção ao ritmo do poeta francês, e da história da publicação desses traduções no Brasil, para ler o seu livro de poema *Divina Quimera*, publicado em 1916, e sete de seus poemas em prosa publicados na revista *Fon-Fon!* em 1914. Observa neles o efeito de uma “suspensão”, de uma “instabilidade interpretativa como projeto literário” e do que definiria ainda como “alternância de temas, ritmos e abordagens”.

Gilles Jean Abes, no artigo seguinte, intitulado “O ‘realismo’ de Baudelaire lido por Machado”, investiga o ensaio “A nova geração”, de Machado, publicado em 1879, em que questiona o “realismo” baudelaireano, para desdobrar esse debate da “batalha realista” no âmbito francês à sua repercussão no Brasil, como no jornal *O Liberal Pernambucano*, de 19 de outubro de 1857, responsável pela primeira menção ao poeta francês em jornais brasileiros. No contexto de um veredito negativo à poesia de Baudelaire, volta-se a Machado para avaliar a novidade de sua leitura e indicar o modo em que ambos, Baudelaire e Machado, vistos como realistas, “convergem em suas críticas ao realismo enquanto poética ou doutrina”.

No último artigo dedicado a essa primeira recepção, intitulado “A voz da vítima: o sacrifício como princípio poético em Augusto dos Anjos e Charles Baudelaire”, Eduardo Veras, analisa a presença da imagem da vítima sacrificial nos dois poetas. Evidencia como ambos compartilhariam “a crença na realidade do Mal (...), o gosto pelo estilo hiperbólico, a tensão entre o elevado da forma e o grotesco do conteúdo, a presença de um eu-lírico que se duplica”, para propor uma leitura, em seguida, do poema “*Vox victimae*” de Augusto dos Anjos em diálogo com leituras do poeta francês, como as de Georges Blin, em *Le sadisme de Baudelaire*, e da noção de sacrifício em Georges Bataille.

No artigo seguinte, intitulado “Política da forma moderna”, Larissa Drigo Agostinho parte do relato pessoal de seu interesse pela obra de Stéphane Mallarmé e das leituras de Mallarmé nos anos 50-70, para propor outras formas de uma obra “ser política sem necessariamente ter como pretensão representar o seu tempo”. Considera, assim, o romantismo de Chateaubriand e sua influência no romantismo brasileiro, para chegar à ironia baudelaireana como uma “fissura entre o real e o ideal”, sob o signo da melancolia, e que seria política na medida em que desmascararia o trânsito rápido, sobretudo em chave mimética, da sociedade à literatura, permitindo considerar processos interpretativos como aqueles que estariam em jogo no que chama de “vulgarização da sociologia literária”.

Nicollas Ranieri, em “Baudelaire na contramão: futuro versus moderno na crítica de Haroldo de Campos”, considera a dificuldade de integração de Baudelaire “às afinidades eletivas da poesia concreta”, como nos afirma, debruçando-se igualmente sobre o artigo “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico” de Haroldo de Campos, publicado em 1984. Nele observa como Haroldo faz de Baudelaire um “ponto de apoio a partir do qual ele pode esclarecer a novidade mallarmeana”, ao mesmo tempo em que confronta a visada do poeta brasileiro, investida na busca de diálogos com a vanguarda, com outros críticos-poetas franceses, como Jacques Roubaud e Yves Bonnefoy, dentre outros, que também opuseram Baudelaire e Mallarmé.

Rita Loiola, por sua vez, em “‘É para você que escrevo, hipócrita’: Charles Baudelaire e a relação com o interlocutor poético em Ana Cristina Cesar”, propõe a leitura de vários momentos da obra da poeta carioca a partir do tensionamento com a noção de hipocrisia, que está presente em Baudelaire, e de suas menções ao poeta francês. Para Rita, Baudelaire e o “hipócrita leitor” seriam “invocados como sinais de que a relação com o destinatário é formada também por rachaduras e fissuras violentas. Por entre as fendas, porém, existe a possibilidade da abertura de espaços alternativos em que emergem o inesperado ou o surpreendente”.

Por fim, Álvaro Faleiros, Paulo Teixeira Lumatti e João Marcondes da Silva Neto, no artigo “Fabulações baudelaireanas: da transpiração poética à récita camerística de botequim”, articulam-se em torno de um projeto “radical”, dizem-nos, intitulado *Fabulações baudelaireanas – récita camerística de butiquim*, que consistiria na transformação de poemas baudelaireanos

nos em canções cantadas em português. Partem da tradução de Álvaro Faleiros *À flor do mal – transpirações baudelairianas*, publicada em 2018, para contar-nos do processo de musicalização da obra baudelairiana em parceria com a Orquestra Camerística de Butiquim e da adaptação das traduções às versões cantadas.

São artigos, assim, que propõem novas visadas sobre os primeiros baudelairianos, sobre os tempos fortes da influência do poeta francês e sobre sua apreciação crítica e historiográfica, e que atualizam histórica e teoricamente o debate sobre essa recepção, indo na direção também do contemporâneo.

O número traz ainda, ao final, a resenha, feita por Marinna Silva Santos, do recente livro de poemas *Limalha* (2023) de Rodrigo Lobo Damasceno, que esteve entre os finalistas do Prêmio Oceanos.

Gostaríamos de agradecer ao auxílio da equipe de *O Eixo e a roda* e à contribuição dos pareceristas, ambos fundamentais para a realização deste número. Super obrigados!

Dezembro 2024

Eduardo Veras (UFTM)

Gilles Jean Abes (UFSC)

Pablo Simpson (UNESP)

Referências:

ABES, Gilles Jean. “A recepção de Baudelaire no Brasil: obra e fortuna crítica”. *Remate de Males*, Campinas: São Paulo, v. 42, n. 1, p. 108–131, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v42i1.8667552>.

AMARAL, Gloria Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire: o baudelairianismo brasileiro de 1870-1900*. 1989. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.1989.tde-07042022-191031>.

CANDIDO, Antonio. “Os primeiros baudelairianos”. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

SIMPSON, Pablo. “O ‘hipócrita leitor’ de Baudelaire e a poesia brasileira contemporânea”. *Elyra: Revista Da Rede Internacional Lyracompoetics*, n. 15, p. 117–134, 2020. Disponível em: <https://elyra.org/index.php/elyra/article/view/329>. Acesso em: 27 dez. 2024.

VALÉRY, Paul. “Situação de Baudelaire”. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do Mal*. Trad. de Júlio Castañón Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VERAS, Eduardo. *Baudelaire e os limites da poesia*. São Paulo: Corsário-Satã, 2022.